

VELEIDADES REALISTAS OU OLHAR INTUITIVO?

Maria das Graças Maciel¹

No capítulo I, denominado “Ecos Românticos, Veleidades Realistas”, de *História da Literatura Brasileira*, Lúcia Miguel Pereira chama o romance de Taunay, *Inocência*, de “idílio cândido e trágicos.” Segundo a autora,

além do caso amoroso, há aqui apenas a afeição do pai e do anão pela menina - ambas ciumentas, cada uma e seu modo, egoístas, despóticas uma e rastejante a outra - as figuras do entomologista Meyer e seu criado, que introduzem o elemento burlesco, e a do noivo, encarnação da rudeza do homem sertanejo, a contrastar com o romantismo de Cirino e Inocência. (Pereira, 1957)

Com uma rigidez escultórica, ela escreve:

Não é entretanto Inocência um romance realista, porque só na formação do ambiente o ousou ser Taunay, as figuras humanas ainda pertencem ao convencionalismo romântico, isto é, encarnam cada uma um tipo ideal, com todas as suas características. Nelas já se entrevê a fraqueza psicológica que faria o seu criador falhar nos romances citadinos, e que decorreria tanto do seu feitio pessoal, mais levado à visão em superfície, quanto da timidez que enleava os escritores, impedindo-os de encarar frente a frente os problemas dos indivíduos e da sociedade, que se habituaram a ver através de tantos preconceitos.

Lúcia Miguel Pereira é nome de representação significativa no

¹ Mestranda em Literatura Brasileira na UNESP, São José do Rio Preto.